

Rangel:

Hoje vai cartapacio; estou de veia e com saudades. Dirás: “Então por que não vens?” É que este habito de escrever-nos desdobrou-te em dois Rangeis: o de carne, professor, marido e lá sei que mais: e o Rangel epistolografo. Este é que é o meu. Deste é que conheço as ideias e manhas. Que fique com dona Barbara o primeiro. Eu só quero o segundo. Este é o Rangel longe_ e bem sabes como o longe embeleza as coisas; faz a montanha, que é verde, parecer-nos azul; e torna tambem azul um ceu de ar incolor. O meu Rangel e o de Barbara! O dela é o marido, o professor, o gastronomo, o dono de casa, o filho_ o cidadão certamente muito igual a todos os outros maridos e professores e donos de casa, etc. O meu é uma coisa que só eu sei, porque só a mim se revela. É um que me manda todas as flores que lhe nascem no canteiro da inteligencia, como diria o Praxedes de Abreu, um jornalista daqui profundamente imaginoso.

Estou quasi a dizer que um é *la bête* e o outro *l'ange*. E ir ver-te será tambem levar para aí a *bête* que sou, a ti que só conheces o anjo que tambem sou. Mantenhamos só a comunhão dos anjos.

E hoje temos de discordar um pouco. Dizes que *Inocencia* não te agradou porque não tem muita arte. Mas que é arte senão esse dom de criar simpatias, provoca-las, revela-las, traduzi-las? Que valem as torturas artisticas dum Goncourt perto duma pagina de *Manon Lescaut* ou *Paulo e Virginia*? Arte, esse torturado de borzeguim medieval ou o encanto, a simpatia humana de *Manon*? Bem sabes que *Manon Lescaut* é livro eterno_ e Goncourt já passou. A arte deste só o é para um punhado de homens afins, num certo meio, num certo tempo_ a arte de *Manon* é para toda gente, em todos os tempos.

A arte de *Inocencia* me parece eterna porque é simpatica, como a definiste_ e que é simpatia? Uma correlação, uma corrente de indução entre A e B. Existe alguma arte que não produza esta corrente? E não deixa de ser artistica a obra d'arte que a produz. Quem lê hoje uma obra antiga, se esta obra não traz incubada a força da simpatia que se traduz no prazer da leitura?

E passando da simpatia á arte torva de Mirbeau: se tens aí, manda-me o *Jardim dos Suplicios*. O Nogueira anda a proclamar Mirbeau “o mais profundo revelador do homem”_ e quero decifrar esta metafisica.

Sofrendo da vista? Que horror! Não será de ler muito á noite? A natureza vingá-se da infração de suas leis. Á noite ela quer que durmas. Conselho pratico: só leia na cama livros que saciem logo e arranquem bocejos. Eu, se fosse medico de olhos, receitava Artur Goulart para a cura da mania de ler á noite.

Ando a elaborar uma teoria da vida. Escuto a voz do corpo e a voz do espirito e ponho a Vontade ali de pé, muito solícita, para dar ás duas vozes tudo quanto elas

pedem. Acho que não temos o direito de contrariar os desejos de nenhum dos dois cuja soma somos; se pedem algo, é por força de misteriosas elaborações alheias á nossa consciencia; e se não o damos, porque um tal papa assim o determinou, ou uma moda medica ou um código quer, isso será levar desarranjos e desharmonias ao fundo das células e preparar desastres futuros. Uma espinha que nos brote na asa do nariz talvez seja consequencia de pequenina insatisfação dum pequenino desejo do espirito.

O metodo de atender a todas as exigencias da “dupla” traz calma e serenidade. Os instintos mais sutis da nossa maquina, vendo que seus irmãos mais fortes são sempre atendidos, arriscam-se a espichar os pseudopodos; e encontrando o caminho livre realizam suas impalpaveis ambições, desse modo contribuindo para a Vida Perfeita.

Que é que chamamos felicidade senão a perfeita harmonia entre corpo e alma, o perfeito funcionamento de ambos_ a direção da vida entregue aos instintos_ ou vozes misteriosas do nosso ignoto? Nunca entregue á razão. A razão é uma coisa cheia de padres e bispos, de professores e filosofos, de tiranias e sedimentações de vontade alheias.

Esta semana, num desastre que emocionou a cidade inteira, tive ensejo de verificar a sabedoria do meu metodo nesta parte da direção entregue ao instinto. O trole em que eu e meu colega Eneias, o prefeito da cidade, iamos a uma fazenda do municipio, disparou numa descida perigosa, no fim da qual havia uma porteira e depois da porteira uma ponte com quatro espeques, um em cada canto. Os animais tomaram o freio nos dentes, como diz o George Ohnet, e o cocheiro não conseguiu suste-los, porque o balancim, no ingreme, lhes ía batendo nas pernas. Se não sabes o que é balancim, informa-te. Era inevitavel o desastre: choque do trole contra a porteira e depois trambolhão na ponte e tudo para dentro do rio! Na iminencia do perigo, Eneias, que é um excelente advogado, raciocinou: “Vou pular porque...” Vi que era a razão que o governava naquele momento. O advogado arrazoava, todo ele razões e razão. “Não pule!” gritei-lhe eu. Só, sem “porque” nenhum e sem a menor consciencia de nada. Era a voz do instinto, que manda e não arrazoia. Senti que a minha razão queria intervir, dar a sua opiniãozinha, mas não deixei. Amordacei-a, para que nada atrapalhasse o comando do instinto. E o trole a voar na descida qual um bolide!

Como a consciencia não estava agindo, não sei o que se passou no momento do desastre. Quando a reinstalei e pude ver e compreender a cena, vi o seguinte: Eu, de pé á beira do caminho, ileso e intacto, sem ter caído, sem sequer ter tocado com a mão no chão. E os outros... os que arrazoaram: Eneias, caído lá adiante gemendo. Havia se atirado logo depois que o meu instinto lhe gritou o “Não pule” e esborrachara-se todo. O cocheiro e um menino que ia na boleia, idem: raciocinaram, arrazoaram e atiraram-se_ e esborracharam-se e ficaram sem dentes.

LOBATO